

Estudar a língua e os costumes do País visitado, para ser mais útil.

Recusar-se a fazer comparações pejorativas, suscetíveis de humilhar os seus anfitriões.

Omitir adjetivos vexatórios em se referindo a personalidades, situações, casos e coisas da Nação que o recebe.

Silenciar anedotas e aforismos de mau gosto.

Não opinar em torno das dificuldades da região que pisa, sem minucioso conhecimento das causas que as produziram.

Não criar problemas.

Tanto quanto possível, evitar dívidas de ordem material por onde passe.

Nunca bajular e nem deprimir.

Jamais escarnecer dos hábitos e crenças do País em que esteja.

Abster-se da preocupação de doutrinar, embora deva estar pronto para dizer a boa palavra ou o conceito justo da Doutrina Espírita, capazes de semear renovação e elevação nos ouvintes.

Não querer superioridades para a sua pátria de origem e nem diminuí-la com alusões impensadas.

Abolir a palavra "estrangeiro" da sua linguagem e tratar os filhos de outros povos, por verdadeiros irmãos.

(*Nova Iorque, N.Y., E.U.A., 29, Julho, 1965.*)



## Na difusão do Espiritismo

EMMANUEL

"E eu rogarei ao Pai e ele vos dará outro Consolador, para que fique convosco para sempre." — Jesus. (João, 14:16.)

Na condição daquele Consolador prometido por Jesus à Humanidade, o Espiritismo, sem dúvida, atingirá todas as consciências.

Entretanto, à frente das múltiplas interpretações que se lhe imprimem nos mais variados núcleos humanos, de que modo esperar o cumprimento da promessa do Cristo?

Nesse sentido, recordemos os primórdios da Codificação Kardequiana. Preocupado com o mesmo assunto, Allan Kardec formulou a Questão n.º 798, de "O Livro dos Espíritos", à qual os seus Instrutores Espirituais, solícitos, responderam:

"Certamente que o Espiritismo se tornará crença geral e marcará nova era na história da Humanidade, porque está na natureza e chegou o tempo em que ocupará lugar entre os conhecimentos humanos.

Terá, no entanto, que sustentar grandes lutas, mais contra o interesse do que contra a convicção, porquanto não há como dissimular a existência de pessoas interessadas em combatê-lo, umas por amor-próprio, outras por causas inteiramente materiais. Porém, como virão a ficar insulados, seus contraditores se sentirão forçados a pensar como os demais, sob pena de se tornarem ridículos."

Certifiquemo-nos, pois, de que na difusão dos princípios espíritas estamos todos em luta do bem para a extinção do mal e de que ninguém alcançará a suspirada vitória sem a vontade de aprender e a disposição de trabalhar.

*(Londres, Inglaterra, 10, Agosto, 1965.)*



## 3

## Frutos verdes

*KELVIN VAN DINE*

O espírita, herdeiro de conhecimentos superiores, esbarra com ressentimentos e mágoas, nutrindo atitude perfeitamente nova quando posta em confronto com a de outros principios religiosos.

Admitindo a continuidade da vida, além da morte, não recebe ofensores à maneira de inimigos ou irresponsáveis. Acolhe-os como sendo companheiros transviados que é preciso recuperar para o bem.

A face disso, assaltos morais apresentam para ele importância relativa, conquanto lhe doam nos brios.

Porque alimentar ódio a alguém, se está convicto, pela lei da reencarnação, de que esse alguém se lhe pode abrigar nos braços, na feição de um ente querido na equipe familiar?

Por outro lado, não pode ignorar o mal de que foi objeto, certo quanto se acha da lei de responsabilidade individual. Daí o comportamento equilibrado que as circunstâncias lhe sugerem: serenidade sem indiferença, dentro da qual reconhece que não lhe adianta perder tempo com pesares ocultos ou reclamações descabidas.